

No salão do Brega: ensinamentos de um estudo piloto

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i22.50557>

Flavia dos Santos Coelho¹

Lilian Magalhães²

Resumo: Refletir sobre a produção de conhecimento científico envolve refinar estratégias metodológicas que visem superar estruturas de poder impostas. Nesse sentido, os estudos-piloto caracterizam-se como versões mais curtas de um projeto de pesquisa completo, que em geral visam prevenir problemas e aprimorar o desenho metodológico por meio do teste de métodos, técnicas e instrumentos de pesquisa, bem como preparar o pesquisador, especialmente o iniciante, pelo desafiador trabalho com pesquisa qualitativa. A literatura sobre a utilização de estudos-piloto ainda é escassa e, quando realizados, muitas vezes não atinge os desafios e a curva de aprendizado do pesquisador. Assim, buscamos problematizar os procedimentos do estudo piloto, situando-o como um importante recurso para a pesquisa qualitativa. Um projeto piloto para preparar o trabalho de campo de pesquisa de mestrado, de natureza etnográfica, foi realizado a partir do fenômeno das festas de Baile da Saudade, mediante a pergunta: Que estratégias, técnicas e procedimentos podem garantir maior eficácia em pesquisa qualitativa de natureza etnográfica? Dois atores principais que compõem as festas de Baile da Saudade participaram do estudo por meio de entrevista semiestruturada e método *Photovoice*. Com a execução do projeto piloto, percebemos que as estratégias que superam as relações hierárquicas entre pesquisador e participante são necessárias para garantia do processo participativo e, conseqüentemente, maior eficácia em abordagens qualitativas de natureza etnográfica.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; projeto piloto; atividade cultural.

En el salón del *brega*: enseñanzas de un estudio piloto

Resumen: Reflexionar acerca de la producción de conocimiento científico involucra refinar estrategias metodológicas que busquen sobrepasar estructuras de poder impuestas. En este sentido, los estudios piloto se caracterizan por ser versiones más breves de un proyecto de investigación completo, que generalmente tienen como objetivo prevenir problemas y mejorar el diseño metodológico probando métodos, técnicas e instrumentos de investigación, así como preparar al investigador, especialmente al principiante, para la trabajo desafiante con la investigación cualitativa. La literatura sobre el uso de estudios piloto es aún escasa y, cuando se lleva a cabo, a menudo no cumple con los desafíos y la curva de aprendizaje del investigador. Por eso, buscamos problematizar los procedimientos del estudio piloto, situándolo como un recurso importante para la investigación cualitativa. Un proyecto piloto para preparar el trabajo de campo de investigación de maestría, de

¹ Flavia dos Santos Coelho. Mestranda em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos/SP, Brasil. E-mail: flaviacoelho@estudante.ufscar.br - <https://orcid.org/0000-0001-6835-2174>

² Lilian Vieira Magalhães. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos/SP, Brasil. E-mail: lmagalhaes@ufscar.br - <https://orcid.org/0000-0003-3666-3685>

naturaleza etnográfica, fue realizado a partir del fenómeno de las fiestas de *Baile da Saudade*, mediante la pregunta: ¿Qué estrategias, técnicas y procedimientos pueden garantizar una mayor eficacia en la investigación cualitativa de naturaleza etnográfica? Dos actores principales que constituyen las fiestas de *Baile da Saudade* participaron del estudio por medio de entrevista semiestructurada y método *Photovoice*. Con la ejecución del proyecto piloto, percibimos que las estrategias que sobrepasan las relaciones jerárquicas entre investigador y participante son necesarias para garantizar el proceso participativo y, consecuentemente, mayor eficacia en enfoques cualitativos de naturaleza etnográfica.

Palabras claves: Investigación cualitativa; proyecto piloto; actividad cultural.

At the Brega salon: lessons from a pilot study

Abstract: Reflecting on the production of scientific knowledge involves refining methodological strategies that aim to overcome imposed power structures. In this sense, pilot studies are characterized as shorter versions of a complete research project, which in general aim at preventing problems and improving the methodological design through the testing of research methods, techniques and instruments, as well as preparing the researcher, especially the beginner, for the challenging work with qualitative research. The literature about the use of pilot studies is still scarce and, when carried out, often does not reach the challenges and the learning curve for the researcher. Thus, we seek to problematize the procedures of the pilot study, placing it as an important resource for qualitative research. A pilot project to prepare the master's research field work, of an ethnographic nature, was carried out based on the phenomenon of the *Baile da Saudade* parties, through the question: What strategies, techniques and procedures can ensure greater effectiveness in qualitative research of a nature ethnographic? Two main actors that make up the *Baile da Saudade* parties participated in the study through semi-structured interviews and the Photovoice method. With the execution of the pilot project, we realized that the strategies that go beyond the hierarchical relationships between researcher and participant are necessary to guarantee the participatory process and, consequently, greater effectiveness in qualitative approaches of an ethnographic nature.

Keywords: Qualitative research; pilot project; cultural activity.

No salão do Brega: ensinamentos de um estudo piloto

1. Introdução

Refletir sobre produção de conhecimento científico deve englobar o refinamento de estratégias metodológicas que levem a superação de estruturas hierarquizantes instituídas na sociedade como formas de manutenção do poder (SANTOS, 2008). Influenciados por essa perspectiva, apresentaremos as

problematizações em torno do estudo piloto, como ferramenta importante para a pesquisa qualitativa, a partir do fenômeno das festas de Baile da Saudade.

Os estudos-piloto ou projetos-piloto caracterizam-se como versões resumidas de um projeto de pesquisa completo, cujas finalidades principais consistem em testar métodos, técnicas

e instrumentos de pesquisa, a fim de realizar possíveis ajustes ou adaptações na metodologia proposta para o estudo final. O piloto visa prevenir problemas que possam comprometer a real compreensão do fenômeno de pesquisa no projeto principal (MACKEY; GASS, 2005).

O estudo piloto constitui uma estratégia importante para o pesquisador, preparando-o para o exercício de sua pesquisa, estimulando-o a tatear o campo da problemática a ser abordada com suas facilidades e dificuldades e também permitindo maior afinidade com os instrumentos e técnicas elencados (SILVA FILHO; BARBOSA, 2019; BAILER; TOMITCH; D'ELY, 2011). Mesmo o planejamento cuidadoso de uma metodologia de pesquisa não garante que possíveis problemas possam surgir durante a geração de dados de um estudo completo. Assim, a realização de um estudo piloto pode revelar, na prática, falhas metodológicas ou teóricas que não estavam evidentes no plano original da pesquisa (BAILER; TOMITCH; D'ELY, 2011).

A problematização sobre a realização de estudos pilotos ainda é

rara nas pesquisas qualitativas e, quando realizada, limita-se a enfatizar adaptações ao método e a experimentações de instrumentos específicos, mais do que examinar as lições aprendidas com o estudo e as especificidades metodológicas que um piloto demanda (WRAY; ARCHIBONG; WALTON, 2017; ARAIN *et alli*, 2010; CANHOTA, 2008). Poucas orientações sobre como conduzir um estudo piloto da melhor maneira possível são relatadas na literatura, limitando-se à construção de conhecimentos sobre métodos e técnicas (WRAY; ARCHIBONG; WALTON, 2017; ARAIN *et alli*, 2010; CANHOTA, 2008).

Vale ressaltar que os possíveis resultados gerados com a aplicação de um estudo piloto não são preditivos para os resultados gerados na pesquisa completa, logo, os dados advindos do estudo piloto não devem ser considerados em relação à confiabilidade e efetividade dos resultados finais.

Em termos gerais, a estrutura de um piloto de pesquisa consiste em: problema de pesquisa, objetivos gerais, objetivos específicos e método, sendo que a análise dos dados pode ser considerada ou não. Canhota

(2008) observa que em estudos quantitativos o número de participantes da pesquisa não precisa ser maior que 10% da amostra do projeto final.

Este artigo, fruto do projeto-piloto realizado para preparar o trabalho de campo de pesquisa de mestrado, de caráter etnográfico, objetiva refletir sobre os aprendizados extraídos da referida experiência, buscando ampliar o conhecimento sobre este recurso, o que pode contribuir para o fortalecimento dos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa.

1.1 O projeto original de pesquisa

[...] porque fingir que não gosta, se no seu quarto você balança? Quando ouve o brega, você, não resiste e dança [...]. (Wanderley Andrade- Vida de Cantor, Música Brega anos 90).

Na cidade de Belém do Pará, a música brega encontra um cenário privilegiado de expressão artística, sendo as festas de brega uma das principais atividades realizadas para a promoção do gênero (AZEVEDO, 2009; SILVA, 2009). Essas festas acontecem rotineiramente na cidade de Belém, consumidas e promovidas majoritariamente pelo público das

periferias da cidade. Por causa de suas características de representações sociais e de sociabilidade, Costa (2009) as classifica como prática cultural. Essa prática, além de revelar curiosas dinâmicas de consumo de bens culturais, comportamento e relações sociais, demonstra um forte sentimento identitário, não só entre o público consumidor do brega, mas de toda uma sociedade que reconhece e legitima o gênero como regional (AZEVEDO, 2009; SILVA, 2009; COSTA, 2008).

O Baile da Saudade é o tipo de festa de brega que será abordado pela pesquisa, devido aos seguintes motivos que consideramos relevantes para a sua diferenciação no cenário da produção cultural da região:

a. a frequência crescente de suas realizações no cenário festivo da cidade de Belém e Região Metropolitana;

b. a crescimento contínuo de novos consumidores, principalmente entre o público mais jovem;

c. devido à estrutura de funcionamento da festa, organizada para reproduzir predominantemente gêneros musicais como Flash brega, Boleros e Merengues.

Partindo da vivência da primeira autora enquanto bregueira, destaca-se ainda o fato de considerarmos as festas de Baile da Saudade como modelo festivo mais tradicional ao brega, por congregar na dança, nas vestimentas e nas relações sociais, expressões mais fieis ao movimento inicial.

A despeito da importância local do brega, estigmas sociais têm sido atribuídos às pessoas que se ocupam do brega, notadamente nas festas de Baile da Saudade. Frequentemente são atribuídos sentidos depreciativos relacionados aos modos de viver, ao mau gosto estético, a algo antigo/ultrapassado, caricato e ignorante que muitas vezes são atribuídos ao público consumidor, promotor e animador dos Bailes da Saudade (LIMA, 2016; AMARAL, 2009; BASTOS *et alli*, 2009).

1.2 Considerações Metodológicas sobre o projeto original de pesquisa

A pesquisa original, de caráter qualitativo, orientada pela abordagem etnográfica, foi estruturada para ser realizada com os três grupos de atores principais que compõem as festas de brega, os quais, segundo Costa

(2009), são 1. as pessoas que promovem as festas (festeiros), 2. as pessoas que dançam nas festas (bregueiros) e 3. as pessoas que tocam nas festas (DJ's). No projeto original pretende-se selecionar 6 participantes, sendo 2 de cada grupo, conforme descrito por Costa (2009), o que portanto constituirá uma amostragem não probabilística intencional (PIRES, 2008).

Na geração de dados, o projeto prevê a triangulação por meio da observação participante, de entrevistas semiestruturadas e do método *Photovoice* (WANG; BURRIS, 1997). Este é um método de investigação participativa e flexível, que objetiva a expressão da realidade vivida por indivíduos, grupos ou comunidades através da fotografia (LEAL *et alli*, 2018; WANG; BURRIS, 1997). O método foi criado em 1997 por Caroline Wang e Mary Ann Burrise, graças à centralidade das imagens na sociedade contemporânea, expandiu-se muito, sendo bastante adotado em pesquisas qualitativas, notadamente as de natureza participativa (BERTAGNONI; GALHEIGO, 2021; PEREIRA; OLIVER, 2018; LEAL *et alli*, 2018).

O *Photovoice* contraria a hegemonia do texto centrismo como legitimação da comunicação, conhecimento, transmissão da informação e literatura, pois evidencia e valida formas não textuais de compreensão dos fenômenos pela perspectiva dos sujeitos que neles estão envolvidos, potencializando a narrativa de pessoas e coletivos historicamente marginalizados (BERTAGNONI; GALHEIGO, 2021; GONÇALVES; BEZERRA NETO; MALFINATO, 2020; PEREIRA; OLIVER, 2018). Para Hartman et al (2011) o método pode acessar camadas de informações ricas e autênticas que outras técnicas mais tradicionais para a geração de dados poderiam não revelar. De modo geral a literatura mostra que esta ferramenta visual é altamente flexível, pois capacita o indivíduo a retratar suas realidades vividas, interpretá-las, questioná-las, refletir sobre elas e estimular processos de mudança pessoal e/ou social (MAMEDE; ESSER, 2015; WANG; BURRIS, 1997).

Recomenda-se 9 passos para o desenvolvimento de projetos baseados no *Photovoice*: 1- identificação das

demandas da comunidade; 2- recrutamento dos participantes; 3- aprendizagem da técnica; 4- instrução para o uso da câmera e orientações sobre aspectos éticos sobre imagem e poder; 5- distribuição das câmeras e registro das fotografias a partir de temas norteadores; 6- identificação das fotografias realizadas; 7- reuniões para a discussão das fotografias e identificação de problemas; 8- identificação de líderes para o encaminhamento das propostas levantadas; 9- estratégias para o compartilhamento das imagens, narrativas produzidas e planos de ação para mudanças dos problemas encontrados (MAMEDE; ESSER, 2015; WANG, 2006).

A análise das fotografias deve ser realizada por meio da contextualização das imagens narradas pelos sujeitos nas reuniões promovidas. Nesse processo, as reflexões compartilhadas em torno das imagens registradas podem revelar questões, temas e/ou teorias sobre os problemas levantados (WANG. BURRIS, 1997).

No caso do nosso projeto original, a geração de dados deve contar com 5 etapas:

Etapa I: convite aberto via telefone, e-mail ou redes sociais será enviado a integrantes-chave do Baile da Saudade que tenham vivências prévias nessas festas.

Etapa II: explanação sobre objetivo do estudo e os passos para a geração de dados e, por fim, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Etapa III: Realização de entrevista semiestruturada com perguntas referentes à experiência de engajar-se nas festas de Baile da Saudade;

Etapa IV: Realização da técnica do *Photovoice*;

Etapa V: A observação participante será realizada nos locais das festas de Baile da Saudade, produzindo uma detalhada descrição dos fenômenos identificados, em diário de campo, conforme roteiro previamente preparado.

O projeto foi apresentado para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (CEP- UFSCar), a partir do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 38485020.0.0000.5504e aprovado conforme parecer 4.420.240.

1.3 Considerações metodológicas para o Projeto Piloto

Na tentativa de identificar os múltiplos aspectos do projeto piloto, a construção desse artigo foi articulada a partir da seguinte pergunta: Que estratégias, técnicas e procedimentos podem garantir maior eficácia em pesquisa qualitativa de natureza etnográfica?

Os objetivos do projeto piloto visaram: 1. Aproximação da primeira autora ao campo da pesquisa qualitativa; 2. Avaliação da eficácia dos métodos de engajamento dos eventuais participantes 3. Familiarização com as técnicas de entrevista semiestruturada e elementos técnicos do *Photovoice*.

Em virtude da crise sanitária imposta pela pandemia de COVID-19, o projeto piloto foi realizado a partir de encontros presenciais, respeitando o distanciamento social e demais medidas sanitárias preconizadas (OMS, 2020). Equipamentos de proteção individual foram utilizados tanto pelos participantes como pela primeira autora. Devido a isso, o sétimo passo recomendado, que seria uma reflexão coletiva sobre as fotografias, recomendada pelo método *Photovoice*,

foi realizado individualmente com cada participante, respeitando os protocolos sanitários (MAMEDE; ESSER, 2015; WANG, 2006).

Um participante de cada grupo de atores das festas de Baile da Saudade, que tivesse experiências nessas festas, foi convidado a participar. Somente duas pessoas puderam se comprometer com as seguintes etapas do projeto:

Etapa I: Convite aberto aos sujeitos via *Whatsapp* por amostragem não probabilística intencional. Agendamento de encontro para explanação do estudo piloto;

Etapa II: Encontro para a explicação dos objetivos do piloto e das etapas de geração de dados;

Etapa III: Realização da entrevista semiestruturada e, ao final, direcionamentos para o *Photovoice*, no qual os participantes registraram fotos, por um período de uma semana, mediante a pergunta disparadora “O que faz de você um participante das festas de Baile da Saudade?”;

Etapa IV: Encontro para finalização da técnica *Photovoice*, conforme procedimentos previamente esclarecidos.

1.4 Execução do Projeto Piloto

O texto convite foi enviado para um DJ, uma bregueira (dançarina), e um festeiro (promotor de festas). Apenas os dois últimos conseguiram participar das etapas propostas. O DJ manifestou interesse, mas, por motivos de incompatibilidade de horários, não conseguiu participar dos encontros, mesmo que virtuais.

O detalhamento dos objetivos do piloto e dos procedimentos para a geração de dados foram realizados via *WhatsApp* para maior conveniência dos participantes. Mediante encontros marcados, realizaram-se as entrevista semiestruturadas e *Photovoice*.

1.5 A experiência do campo com pesquisa qualitativa

No caso da bregueira, a participante demonstrou pouco engajamento, alegando preferência por outras atividades a serem realizadas no horário estabelecido, comprometendo a geração dos dados com narrativas curtas acerca da sua participação nas festas de Baile da Saudade. Ao final, foram iniciados os procedimentos para a técnica do *Photovoice*. Curiosamente, a participante manifestou surpresa,

achando que o piloto já havia finalizado, mas, ainda assim, interessou-se em participar. Realizaram-se as orientações para a técnica do *Photovoice*, que deveria ser desenvolvida no prazo de uma semana, porém, a participante só conseguiu concluir a tarefa em 20 dias.

A participante pareceu equivocarse em relação às perguntas para o *Photovoice*, levando a primeira autora a reformular a frase para “Quais imagens vêm à cabeça sobre a sua participação nas festas de Baile da Saudade?”, “O que não pode faltar em uma boa festa de Baile da Saudade?” e “O que você leva para as festas?”.

No último encontro, planejado para finalizar a geração de dados com a análise das fotografias, a participante demonstrou pouco engajamento, o que resultou em uma entrevista pouco esclarecedora, tanto pela escassez de fotos, quanto de conteúdos narrados. Ao final a bregueira selecionou e narrou 4 fotografias que compuseram a sua história enquanto participante ativa das festas de Baile da Saudade.

Com o festeiro, o mesmo procedimento foi realizado via texto convite, o qual aceitou a participação, porém solicitou maiores informações

sobre o piloto, sendo estas repassadas via *WhatsApp*.

Houve dificuldades para agendar a primeira entrevista, devido à incompatibilidade de horários por conta do aumento de trabalho ocasionado pela situação pandêmica. Na primeira entrevista, a interação fluiu aos poucos para um ambiente amigável, no qual o festeiro contribuiu com relatos ricos sobre sua vivência enquanto promotor de festas de Baile da Saudade. Ao final, realizou-se o esclarecimento sobre as estratégias a serem adotadas para o desenvolvimento do *Photovoice*. As perguntas disparadoras foram: “O que faz de você um participante das festas de Baile da Saudade?” e “Que imagens vêm à sua cabeça sobre a sua relação com as festas?”.

No prazo previamente acordado, o participante enviou um conteúdo vasto de fotografias e, no último encontro para a finalização do *Photovoice*, obteve-se uma entrevista plena de informações, reflexões e questionamentos, na qual foi possível gravar uma instigante narrativa sobre o significado de ser festeiro das festas de Baile da Saudade.

2. Desenvolvimento

2.1.1 Bregueira

A bregueira apresentou-se como mulher negra, moradora da periferia de Belém, mãe, trabalhadora no ramo de serviços estéticos e participante dos Bailes da Saudade há aproximadamente 20 anos. Organiza sua rotina diária para com o cuidado e gerenciamento do lar, a educação dos filhos, o trabalho e com atividades atravessadas pela música brega, principalmente relacionadas à participação de ensaios do fã clube de brega do qual é integrante e ao engajamento nas festas de Baile da Saudade.

A bregueira destacou que a música brega sempre fez parte da sua vida desde a infância, pois nas reuniões comemorativas de família, escutar e dançar brega são práticas frequentemente realizadas.

O meu pai tinha uma aparelhagem pequena em casa, ele e o meu irmão eram DJ's. Mas, mesmo antes disso, aqui em casa sempre teve brega, a minha família, seja pai, mãe, tio, primo, todo mundo gosta de brega, principalmente de dançar brega, então sempre tinha, né?
(Bregueira)

A participante também destaca que a música brega está presente em

diversas ações do dia a dia, influenciando a forma como desempenha determinadas atividades.

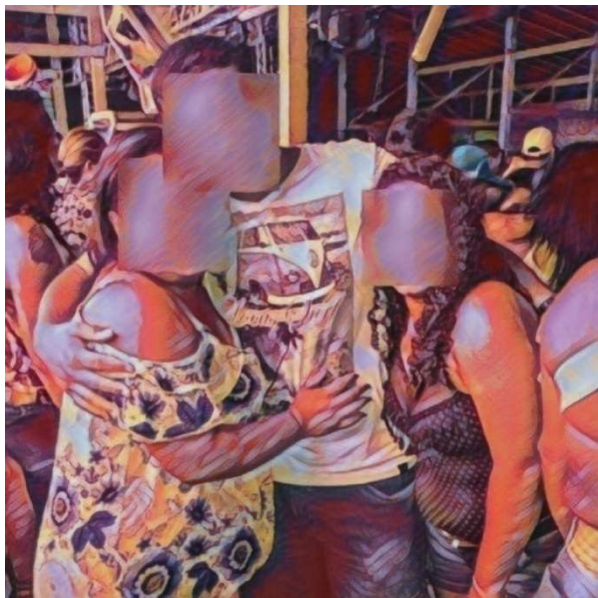
Olha, tudo o que eu faço é escutando música, principalmente brega, né? Quer ver eu limpando a casa, se não tiver um Baile tocando parece que não é a mesma coisa. Quando sento no ônibus ou na minha cadeira no trabalho, eu ponho logo o fone pra escutar os CD's que os DJ's gravam. (Bregueira)

A bregueira aponta que o movimento do brega, seja escutar e/ou dançar as músicas, participar de fã clubes e ir a festas, é uma das formas de organizar a sua vida, que ajuda na construção dos significados das suas vivências, fatos também identificados na Figura 1.

Eu sou tão fissurada em música, em brega, que eu não consigo esperar até o final de semana pra ir pra uma festa. Vou pros ensaios do fã clube, e olha que eu já sei dançar, mas eu gosto de estar lá pra dançar com os meus amigos e etc. Eu sinto mais gás pra fazer outras coisas. Pra mim não tem dia, o dia que der vontade eu vou pra festa.
(Bregueira)

Por isso que eu escolhi essa foto, porque estou com os meus amigos toda suada, pra ti ver como é a festa. É eu chegar e dançar do início ao fim. Festa boa é quando a gente dança muito e está entre amigos. Eu amo fazer isso. (Bregueira)

Figura 1 - Bregueira com amigos na festa de Baile da Saudade



Fonte: Acervo da participante- pesquisa de campo

Quando questionada sobre como a sociedade olha para o Baile da Saudade e para as pessoas que frequentam, primeiramente a participante nega que discursos estigmatizados sejam realizados, mas depois expressa suas próprias vivências, que foram lapidadas ao longo da vida, como estratégias de enfrentamento aos estigmas veladamente impostos.

Olha, eu não consigo ver que existe esse olhar não, porque todo mundo vai, eu danço com todo mundo e todo mundo dança comigo. As vezes, por eu ir muito na festa, tem gente que fala 'Credo, tu já vai? Não tem nada pra fazer?' Mas eu nem ligo, porque eu não vou deixar de

fazer algo que eu gosto porque outra pessoa não gosta. Sempre vai ter alguém pra criticar, a gente que não deve ligar. (Bregueira)

2.1.2 Festeiro

Foram realizadas duas entrevistas, a semiestruturada e o método *Photovoice*, sendo que nessa última o festeiro selecionou e descreveu 15 fotografias que compuseram a sua história enquanto participante ativo das festas de Baile da Saudade. O participante identificou-se como homem pardo, morador da cidade de Belém, pai, apontando a promoção de eventos, entre elas as festas de Baile da Saudade, como sua principal atividade laboral. Ele participa ativamente do movimento das festas de brega há aproximadamente 30 anos. O festeiro é dono de uma importante casa de eventos localizada em um bairro da periferia de Belém e organiza sua rotina diária entre o gerenciamento do espaço e outras atividades significativas ligadas à família.

O festeiro destacou que o Brega, em sua infância/adolescência, não esteve diretamente presente no núcleo familiar, mas atravessou sua vida por meio do trabalho nas festas

noturnas, principalmente as festas de Baile da Saudade.

Eu comecei muito cedo a trabalhar no ramo de eventos e, através de contatos, consegui adquirir a minha casa. A gente nem começou com brega diretamente, foi com música ao vivo, boleros [...] e com uns 15 anos pra cá passamos a dar ênfase na saudade, justamente esses Bailes da Saudade. (Festeiro)

O festeiro destaca que a sua preferência por atividades fora do âmbito laboral está ligada ao núcleo familiar.

Eu adoro estar com a família na minha casa. Os meus momentos fora do trabalho é assim, em casa, uma viagem para o interior, porque eu já fico boa parte do meu tempo em festa, então pra me divertir eu já não vou mais pra esses lugares. (Festeiro)

O festeiro aponta que a sua preferência pelas festas de brega se dá por manter a característica

tradicional da casa de eventos que tem uma jornada com festas de Baile da Saudade, mas, financeiramente, relata que as festas de Tecnobrega, por exemplo, são mais rentáveis. A diversidade nos tipos de festas precisou acontecer para a sua casa de eventos continuar ativa. Essa narrativa é evidenciada na Figura 2, quando visualizamos *flyers* de divulgação de festas de Baile da Saudade e as estratégias utilizadas.

Olha, o Baile da Saudade aqui na casa vem a tempos, é por isso que eu realizo essas festas, porque existe um público fiel que sempre frequenta, não só daqui do bairro, mas de outros, só que o Tecnobrega é mais vantajoso, porque no Tecnobrega as pessoas consomem mais, é um público mais bebedor. No Baile da Saudade as pessoas vão mais pra dançar, é um público mais velho [...] aí eu tento diversificar as festas para ser bom pra mim, pra festa em si e para os diferentes públicos. (Festeiro)

Figura 2 - Flyers de divulgação da festa Baile da Saudade



Fonte: Acervo Público- pesquisa de campo

A gente geralmente realiza esses tipos de marketing, pra festa ser mais atrativa. Realizar aniversários e transformar isso em Baile da Saudade é uma forma de compartilhar com as pessoas que estão frequentando a casa. Eu coloco promoções, de entrada, de cerveja, essas coisas, quanto mais lotada, melhor a festa. (Festeiro)

Quando questionado sobre como o participante percebe o olhar da sociedade para com o Baile da Saudade e seus participantes, inicialmente o festeiro nega que estigmas sejam atribuídos ao

movimento, devido à diversidade de público que frequenta a casa de festas, mas, no decorrer da fala, apresenta algumas estruturas de poder presentes para com o brega em si.

Olha, no Baile da Saudade não tem isso, porque é uma festa mais família, não tem aquela rapaziada do Tecnobrega, e também aqui frequenta todo tipo de gente, gente daqui, gente dos bairros mais nobres da cidade, porque sabem que a casa é de segurança, respeito. (Festeiro)

Um dos momentos mais marcantes foi quando conseguimos, pela primeira vez,

levar uma aparelhagem pra dentro da Assembleia Paraense. A festa foi um sucesso, saiu até no jornal, tínhamos todas as condições para fazer novamente, mas os diretores não quiseram, falaram que não teve muita renda, só que teve, a gente sabe que eles não quiseram porque era de Brega. (Festeiro)

O festeiro mostrou-se muito grato às possibilidades advindas pelo trabalho com festas de brega, tecendo construções sobre a sua história de vida e a relação direta com o seu trabalho.

Rapaz, eu sou uma pessoa muito agradecida, porque é daqui que consigo meu sustento, criei filhos, constituí família e amigos. Essa casa faz parte de uma história no ramo de festas em Belém, é uma satisfação pra mim. (Festeiro)

Mesmo com as redes sociais estabelecidas no movimento do brega, ele aponta alguns conflitos que dificultam o desenvolvimento do gênero dentro da região e a nível nacional, apontando fortes competições e negligência por parte do estado.

Eu me dou bem com todos os festeiros, DJ's da cidade, graças a Deus eu não criei inimizade, mas a gente sabe que tem muita competição, um querendo passar por cima do outro e isso não é legal. Falta pra gente é ajuda dos governantes, de alguém lá dentro

pra olhar pra gente, porque sempre foi assim, aí as coisas não funcionam. (Festeiro)

2.2 O vir a ser da pesquisadora: um saber fazer teórico, mas essencialmente prático.

Nesta seção articulamos os dados do caderno de campo de Flavia Coelho, uma das autoras do artigo, razão pela qual utilizaremos a primeira pessoa.

Início a construção desta seção sobre os processos que atravesso no campo da pesquisa, pois, cotidianamente, auxiliam na construção de sentidos e significados de tornar-me pesquisadora e que conduziram o desenho dos resultados gerados deste estudo piloto. (Diário de Campo – Flavia Coelho)

Ao debruçar-me na literatura sobre os preceitos que envolvem a metodologia científica e a abordagem qualitativa, compreendi que o pesquisador é um produtor de conhecimento e um ser responsável por investigar fenômenos diversos, a partir de determinadas problemáticas, para melhor compreendê-los na tentativa de dissolver tensões de um grupo estudado. (Diário de Campo – Flavia Coelho)

Determinadas habilidades técnico-metodológicas e humanas são necessárias para conceber um trabalho de qualidade (DIEB, 2016; WALTER, 2016). A metodologia e as

técnicas necessárias para realizar uma investigação científica, mesmo que importantes ao conhecimento no campo teórico, são vitais no campo da prática, por uma gama de aprendizados que apenas as habilidades cognitivas não conseguiriam apreender (SILVA; DUARTE, 2016).

Percebo o meu aquecimento enquanto pesquisadora iniciante com o piloto a partir dos procedimentos para o campo, como: a forma de convite aos participantes, a apresentação do objetivo do piloto para eles, e, principalmente, o agendamento e a condução das entrevistas. A falta de experiência com os procedimentos supracitados levaram-me, inicialmente, a fazer um checklist de etapas a serem iniciadas e concluídas sem as devidas problematizações. Este fato é evidenciado no meu encontro com a bregueira, primeira entrevistada, no qual eu estava mais preocupada em concluir as etapas de convite, agendamento e realização das entrevistas do que refletir sobre a melhor maneira de viver esses processos. (Diário de Campo – Flavia Coelho)

A pesquisa qualitativa, com suas técnicas e ferramentas que servem para nortear o rigor científico, deve ser criativa, flexível e incentivar a problematização do pesquisador junto ao seu objeto de pesquisa (SILVA;

DUARTE, 2016; SOUSA; ERDMANN; MAGALHÃES, 2015).

Compreendi que as tensões surgidas no encontro com a primeira participante decorreram de uma falta de habilidade minha em contornar determinados empecilhos que surgiram no contato para o convite da pesquisa, bem como no agendamento e, principalmente, na condução da entrevista, pois, sobre esta última, mesmo lançando perguntas que pudessem melhor extrair as narrativas da bregueira sobre o seu envolvimento com as festas de Baile da Saudade, eu as realizei de forma mecanizada. (Diário de Campo – Flavia Coelho)

Preocupada em cumprir os protocolos exigidos para início e finalização do piloto, identifiquei que no processo de condução das entrevistas, não realizei inicialmente perguntas nas quais os participantes narrassem quem são, de onde vêm, o que fazem, dentre outras, como uma forma também de aquecê-los para a entrevista. Essa extrema formalização e seguimento rígido de um roteiro de perguntas, certamente contribuíram para a dificuldade em entrevistar a primeira participante, mas, serviram de aprendizagem e facilitaram a entrevista junto ao segundo participante. (Diário de Campo – Flavia Coelho)

Autores enfatizam a utilidade dos estudos piloto ao garantir, não apenas o teste de determinados instrumentos de pesquisa, mas a

familiaridade do pesquisador com estes, exercitando as melhores maneiras de utilização (WRAY; ARCHIBONG; WALTON, 2017; MACKEY; GASS, 2005). Outro fator aprendido, de extrema importância, indica que nem sempre uma pessoa que tenha vasta experiência de participação em um determinado fenômeno é garantia de ser boa informante para pesquisas. Para isso, sugere-se o convite a pessoas que tenham habilidades comunicativas e expressivas associadas à vivência no fenômeno de estudo (SOUSA; ERDMANN; MAGALHÃES, 2015).

A minha aproximação às técnicas de entrevista semiestruturada e Photovoice foram oportunizadas pelo estudo piloto, pelas quais eu pude vivenciar na prática e por meio de desafios, as dificuldades e facilidades de concretizá-las, que vão desde o conhecimento das técnicas, a explicação de seus procedimentos e finalidades para o participante, à sua condução. (Diário de Campo – Flavia Coelho)

2.3 Os desafios da comunicação/popularização do conhecimento científico

Refletindo sobre os possíveis motivos que influenciaram os resultados gerados no estudo piloto, observamos que a experiência da

primeira autora, primeiramente, em não fazer do piloto um processo de compartilhamento de conhecimentos, mantendo, não propositalmente, relações hierárquicas entre um trabalho acadêmico e os sujeitos da pesquisa, contribuíram para as dificuldades encontradas. Essa questão não fora conscientemente planejada, porém, pode fazer parte de uma estrutura de poder, seguindo uma lógica da ciência moderna, que faz o ensino da instituição universitária produzir práticas hierarquizantes em torno do ensino/pesquisa, ainda mais quando comparadas a outros setores da sociedade e que, por vezes, involuntariamente, são reproduzidas pelos discentes (OLIVEIRA; FERNANDES, 2017; GERMANO; KULESZA, 2010).

Dito isso, destacamos pontos da relação da primeira autora com os sujeitos da pesquisa que favoreceram certas tensões: A linguagem majoritariamente acadêmica estabelecida no convite enviado, a extrema formalidade no agendamento das entrevistas, o direcionamento de perguntas de maneira mecanizada e o pouco espaço dado à criatividade para conduzir o processo do estudo piloto

foram alguns dos problemas levantados.

Sem dúvida, as questões supracitadas são desafios encontrados na trajetória acadêmica da maioria dos pesquisadores iniciantes e, por meio da reflexividade crítica de nossas ações, somos convidados à emancipação de nossos fazeres, para romper com padrões opressores historicamente construídos e mantidos em torno da produção de conhecimento. Nesse sentido, como ideia emancipatória, o conceito de Popularização da Ciência (GERMANO; KULESZA, 2010; GERMANO; KULESZA, 2007) incentiva o rompimento dessas barreiras.

Popularizar é muito mais do que vulgarizar ou divulgar a ciência. É colocá-la no campo da participação popular e sob o crivo do diálogo com os movimentos sociais. É convertê-la ao serviço e às causas das maiorias e minorias oprimidas numa ação cultural que, referenciada na dimensão reflexiva da comunicação e no diálogo entre diferentes, oriente suas ações respeitando a vida cotidiana e o universo simbólico do outro. (GERMANO; KULESZA, 2007, p. 20)

Dessa maneira, compreendemos que é necessário não fazer do conhecimento científico um modo de

status de poder que exclua o cidadão comum da plena participação desse debate e do fazer, construir, produzir e/ou refletir conhecimentos. Quando se pratica a Popularização Científica estamos, sobretudo, despindo-nos de modos de poder que estabelecem a hierarquização entre as pessoas e as instituições, para garantir um fazer essencialmente compartilhado e universal.

3. Considerações finais

Diante dos desafios encontrados na experiência da primeira autora, ressaltamos que o estudo piloto não deve se resumir apenas à aproximação do pesquisador com a pesquisa, com o conhecimento e teste de estratégias de geração de dados, à prevenção de possíveis entraves para a pesquisa original, mas, sobretudo, deve aquecer as nossas habilidades para gerar algo construído horizontalmente a partir das relações. Cabe esclarecer que as ideias em torno da Popularização Científica não romantizam as relações entre Universidade e cidadãos, pesquisador e sujeitos de pesquisa, por exemplo, como encontros eximidos de conflito, mas sinaliza que é por

meio da diferença que os saberes e fazeres precisam ser construídos e compartilhados (GERMANO; KULESZA, 2007).

Com o piloto realizado pudemos identificar que as lições aprendidas corresponderam ao aquecimento da primeira autora à pesquisa qualitativa, com ajustes no texto convite aos participantes, na escolha correta dos sujeitos de pesquisa, na importância de conhecer os participantes para além de perguntas que envolvem apenas o problema do estudo, no exercício do raciocínio crítico durante a pesquisa e na necessidade de popularizar a ciência enquanto um fazer coletivo e livre de hierarquias.

Referências bibliográficas

AMARAL, Paulo Murilo Guerreiro. *Estigma e cosmopolitismo na constituição de uma música popular urbana de periferia*: Etnografia da produção do Tecnobrega em Belém do Pará. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17305>.

ARAIN, Mubashir *et alli*. What is a pilot feasibility study? A review of current practice and editorial policy. *BMC Medical Research Methodology*, v. 10, n. 67, p. 1-7, 2010. Disponível em:

<https://bmcmedresmethodol.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2288-10-67>.

AZEVEDO, Rafael José. *Derivas do Brega Paraense*: escutas em tempos e lugares múltiplos. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BDYM3N>.

BAILER, Cintia; TOMITCH, Lêda Maria Braga; D'ELY, Raquel Carolina Souza Ferraz. O planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para uma pesquisa experimental em linguística aplicada. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 24, n.1, p. 129-146, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/10118>.

BASTOS, Iris de Fátima Guerreiro *et alli*. A resistência pela memória: um estudo do grupo cultural constituído por frequentadores de Bailes da Saudade em Belém. In: 32º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1., 2009, Curitiba. *Anais...* Paraná, 2009. p. 4-7. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3653-1.pdf>.

BERTAGNONI, Larissa; GALHEIGO, Sandra Maria. Retratos, relatos e impressões de crianças moradoras da periferia de São Paulo sobre a cidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 29, 2021. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/articula/view/2803/1529>.

CANHOTA, Carlos. Qual a importância do estudo piloto? In: SILVA, Eugênia Enes da (org.). *Investigação passo a*

passo: perguntas e respostas para uma investigação clínica. Lisboa: APMCG, 2008. p. 69-72.

COSTA, Antônio Maurício Dias da. *A festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará*. Belém: EDUEPA, 2009.

COSTA, Antônio Maurício Dias da. Os Bailes da Saudade e do Passado: atualidades do circuito bregueiro de Belém do Pará. *Ponto Urbe*, v. 3, n. 1, p. 1-17, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1800?lang=es>.

DIEB, Messias. O saber-pesquisar sob o olhar de quem está entrando na Pós-Graduação em Educação. *Educar em Revista*, v. 1, n. 59, p. 231-249, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/R58NpdWFQ7C833FKVYTxgQC/abstract/?lang=pt>.

FERREIRA, Natasha Reis; OLIVER, Fátima Corrêa. O cotidiano de jovens com deficiência: um olhar da terapia ocupacional a partir do método photovoice. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, v. 2, n. 4, p. 745-762, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/17791>.

GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 24, n. 1, p. 7-25, abr 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/1546>.

GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Ciência e senso comum: entre rupturas e continuidades. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 27, n. 1, p. 115-

135, abr 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/2175-7941.2010v27n1p115>.

GONÇALVES, Monica Villaça; BEZERRA NETO, Luiz Rafael; MALFITANO, Ana Paula Serrata. O cotidiano revelado por imagens da cidade. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 24, p. e190418, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2120>

HARTMAN, Laura. R; MANDICH, Angela; MAGALHÃES, Lilian; ORCHARD, Treena. How Do We „See“ Occupations? An Examination of Visual Research Methodologies in the Study of Human Occupation. *Journal Of Occupational Science*. v. 18, n. 4, p. 292-305, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14427591.2011.610776>.

LEAL, Caroline Cândido Garcia; GOMES-SPONHOLZ, Flávia Azevedo; MAMEDE, Fabiana Villela; SILVA, Marta Angélica Iossi; OLIVEIRA, Nathália Teresinha Baptista; LEITE, Adriana Moraes. Photovoice: experiência do método em pesquisa com mães adolescentes. *Escola Anna Nery*, v. 22, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/MbQMD3WyGMvWng9X36Tq7kn/?lang=pt>.

LIMA, Marlise Borges de. Das bordas para o centro: brega ou erudito! O que era gênero, virou ritmo? *Bordas*, v. 1, n. 2, p. 20-31, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bordas/article/view/30315>.

MACKEY, Alisson; GASS, S. Common Data Collection Measures. In: *Second language research: methodology and design*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2005. p. 43-98.

MAMEDE, F. V.; ESSER, M. A. M. S. Photovoice: uma proposta para a pesquisa qualitativa. In: LACERDA, M. R.; COSTENARO, R. G. S. *Metodologia da Pesquisa para a Enfermagem e Saúde*. Porto Alegre: Moriá, 2015. p. 451-462.

OLIVEIRA, Máisa Aparecida; FERNANDES, Maria Cristina Silveira Galan. Formação e produção de conhecimento na universidade: estratégias de graduandos e pós-graduandos para a inserção no campo. *Perspectiva*, v. 35, n. 2, p. 658-671, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2017v35n2p658>.

Organização Mundial da Saúde. *Recomendações sobre o uso de máscaras no contexto da COVID-19*, 15 de Junho de 2020. Genebra: WHO; 2020. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332293/WHO-2019-nCov-IPC_Masks-2020.4-por.pdf.

PIRES, Álvaro. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean *et alli*. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 154-211.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA FILHO, Analdino Pinheiro; BARBOSA, Jonei Cerqueira. O potencial de um estudo piloto na pesquisa qualitativa. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 13, n. 3, p. 1135-1155, set./dez. 2019. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2697>.

SILVA, Expedito Leandro. *Do bordel as aparelhagens: a música paraense e a cultura popular massiva*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4126>.

SILVA, Henry Willians Silva da; DUARTE, Maria Marizete. Trabalho de Campo e Movimentos Sociais: análises de dados qualitativos em pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Cidadania na Amazônia-GMSECA/UEPA, no campo da mediação religiosa, movimentos e luta social. *Observatório da Religião*, v. 3, n. 1, p. 173-198, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/1140>.

SOUSA, Francisca Georgina Macedo de; ERDMANN, Alacoque Lorenzini; MAGALHÃES, Aline Lima Pestana. Contornos conceituais e estruturais da pesquisa qualitativa. In: LACERDA, Maria Ribeiro; COSTENARO, Regina Gema Santini (orgs.). *Metodologias da Pesquisa para enfermagem e saúde: da teoria à prática*. Porto Alegre: Moriá, 2015. p. 99- 122.

WALTER, Bruno Eduardo Procopiuk. A captura do tempo e a constituição do sujeito pesquisador. *Educação Unisinos*, v. 20, n. 2, p. 245-253, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2016.202.10>.

WANG, Caroline. Youth participation in photovoice as a strategy for community change. *Journal of community practice*, v. 14, n. 1-2, p. 147-161, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233209623_Youth_Participation_in

Photovoice as a Strategy for Community Change.

WANG, Caroline; BURRIS, Mary Ann. Photovoice: Concept, Methodology, and Use for Participatory Needs Assessment. *Health Education and Behavior*, v. 24, n. 3, p. 369-387, 1997. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/109019819702400309>.

WRAY, Jane; ARCHIBONG, Uduak; WALTON, Sean. Why undertake a pilot in a qualitative PhD study? Lessons learned to promote success. *Nurse Researcher*, v. 24, n. 3, p. 31-35, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28102797/>.